



ID: 36345584

06-07-2011

OPINIÃO



DOMINGUES DE AZEVEDO

Bastonário da Ordem
dos Técnicos Oficiais de Contas

A técnica do salame

O crónico alheamento da população do Velho Continente, em geral, e da portuguesa, em particular, sobre o projeto europeu, deu ultimamente lugar a um inusitado interesse sempre que se realizam conferências sobre o futuro da Europa, na

sua vertente política e monetária.

Foi o caso do evento que a Ordem e IDEFF organizaram, esta segunda-feira, em Lisboa, com vozes autorizadas, para mais de meio milhão de técnicos oficiais de contas.

No início desta década quando se abordava a temática europeia a opinião pública soltava invariavelmente um longo bocejo sobre um tema que se julgava exclusivo dos burocratas instalados em Bruxelas.

Os tratados de Maastricht, Amesterdão, Nice e, mais recentemente, de Lisboa sempre foram vistos como documentos altamente cifrados, entediantes, que para nada condicionavam o dia a dia da população. Resultado desse distanciamento, a abstenção colossal que os referendos europeus registaram. Para o comum cidadão, não havia nada a temer: os fundos europeus estavam assegurados, o consumo conhecia índices

nunca outrora atingidos, a prosperidade, que mais tarde se veria a revelar artificial, saltava à vista.

Anos mais tarde, o panorama inverteu-se. O que parecia um projeto com pernas para andar, ameaça agora esboroar-se, perante a incredulidade de muitos.

A moeda única trouxe uma aparente coesão do ponto de vista monetário, mas a falta de equilíbrio na articulação com a parte económica feriram o projeto de morte.

As divergências políticas, os egoísmos nacionais e líderes pouco carismáticos e excessivamente concentrados no seu umbigo, fizeram o resto. E aqui chegámos. Crispação, tumultos, mau estar. Este é o preocupante caldo de instabilidade em que vive o moribundo projeto europeu.

As especulações que circulam como um imparável rastilho dizem que os profissionais da mani-

pulação querem afastar primeiro a Grécia e depois Portugal do clube europeu. Especulação ou haverá fundo de verdade?

Muitas vezes apelidada de técnica do salame, esta analogia prende-se com o facto de ser mais simples comer um salame quando este é cortado em pequenos bocados.

Esta técnica consiste em fragmentar a negociação parcial e seletivamente, sem comprometer e globalizar os resultados parciais, ou seja, sem contagiar a posição do todo.

Não sendo esta técnica obra de ficção científica, não significa que se venha a verificar, mas existe esse risco.

A Europa e Portugal estão num permanente equilíbrio instável entre a salvação e o colapso.

A nós, portugueses, resta-nos fazer o nosso trabalho. Com aproveitamento.

Agora com um governo com maioria parlamentar não há argumentos para o eterno jogo do passa-culpas na Assembleia da República, na viabilização das medidas mais duras do documento com o selo da 'troika'.

Não nos resta alternativa. Ainda é possível recuperar a credibilidade externa, a que perdemos por culpa própria e a que algumas campanhas têm contribuído para denegrir a nossa imagem junto dos nossos parceiros europeus e no resto do mundo.

O caminho a trilhar está mais do que identificado. O povo que já "deu mundos ao mundo" tem que se agarrar à histórica capacidade e resiliência lusitana para encontrar forças quando por vezes elas escasseiam. ■

*Artigo escrito de acordo com o novo Acordo Ortográfico.